

X
Crónica

Que barrete vem aí?...

Não se fala noutra coisa nos cenáculos de Lisboa. Nos salões alcatifados do Grémio Literário, à porta da Brasileira e da Bertrand, depois das sessões de bingo no Sporting, em reuniões mais ou menos familiares nas sedes de colectividades regionais ou de recreio, nos diálogos entre civis e militares, nos lazeres dos polícias e no recolhimento obrigatório dos malfeitores, o assunto destes dias é o mesmo. Todos se perguntam, inquietos e perplexos, sobre o que se esconde realmente por detrás das grandes manobras «presidenciais», que pretendem escolher o que seria o «grande candidato da esquerda unida».

A maneira como as coisas têm decorrido contribuiu para empestar a atmosfera política que respiramos e quase todos ficam com a impressão de que alguém ou alguns nos pretendem, mais uma vez, enfiar um barrete do tamanho da serra da Estrela...

Os factos conhecidos levam todos a essa conclusão inevitável.

Ao princípio era o verbo, e o verbo da esquerda chamava-se Pintasilgo. Cedo a candidata fez ouvir os seus gorgeios, que começaram por agradar à passarada dos jardins de Belém, mas que bem depressa, talvez pe-

por João Coito

la monotonia e pelas fífias aflautadas, espevitaram uma repulsa que começou por ser aparente e silenciosa e logo se tornou expressiva e explícita.

O canto chão da candidata em breve seria apenas apreciado em certos meios eclesiásticos, saudosos do gregoriano anterior ao Vaticano II, e na associação dos valentes militares, que arrostando perigos sem conta e

Continuação da pág. 14

Fundação Cuidar o Futuro

FONTE DE INFORMAÇÃO O Dia

N.º DE REGISTO AJ DATA 15-11-85 N.º 3129 PÁG 12/14



Crónica

Que barrete vem aí?...

Continuação da pág. 1

rasgando o juramento que haviam feito diante da Bandeira nacional, numa madrugada de Abril desfizeram um grande País e o reduziram ao quintal de hoje, local privilegiado dos passarinhos e passarões que vão pindo em língua portuguesa, até à próxima exaustão...

A candidata tinha as suas razões. Já fora chefe do Governo, por escolha do actual Presidente da República, e as mulheres, desde a Islândia gelada ao tropical Sri Lanka — não falando já na velha Albion onde são elas «quem tudo lo manda» — estavam a revelar-se tão boas ou melhores do que os seus pares masculinos.

Da Unesco vinham incitamentos, de Braga bençãos e orações, do Bom Sucesso a glória final inevitável...

Aconteceu, porém, que Eanes, depois de muito reflectir, auxiliado pelos seus conselheiros mais directos e clarividentes, resolveu, um dia, abordar Costa Brás, Alta Autoridade contra a Corrupção, um homem de Abril que tem demonstrado através dos anos um equilíbrio singular, e instigá-lo — ao que se depreendeu da leitura das gazetas e de algumas palavras de Costa Brás — a candidatar-se à sucessão do actual inquilino de Belém.

Mal a notícia foi levada aos confins do reino pelas tubas da Comunicação Social sustentadas pelo dinheiro dos contribuintes, os «mosqueteiros» do Bom Sucesso tocaram a reunir e foram todos, unidos e unânimes, sentar-se como devotos fiéis à volta da robusta Senhora por sinal irmã dum nosso saudoso e ilustre colega que nunca desmereceu da nossa amizade e solidariedade.

Fotos do acontecimento vieram em todas as gazetas. Tão atentos estavam os presentes que dir-se-ia estarmos

perante a evocação duma passagem bíblica. Era como a Menina entre os doutores...

A verdade é que o «facto político» deve ter assustado os promotores da arrancada de Costa Brás. Este, homem de bem, estonteado com as reacções que o caso estava a provocar, desgostado com a atitude dos que, ainda na véspera, juravam pelos Santos Evangelhos que o apoiariam até ao fim, isto é, até Belém (não se lembrou Costa Brás que eles já um dia tinham renegado um juramento?...) Costa Brás resolveu desistir e remeter-se a um silêncio até agora inquebrável e denunciador de toda a amargura compreensível por ter sido levado a desempenhar um papel que ele, por sensatez e pundonor, não estava disposto a perdoar.

De súbito, dos arraiais da esquerda desunida, alguém começou a clamar que se aproximava a vinda do «profeta» de que falavam há muito as «escrituras» de Álvaro Cunhal. Seria ele o tal «candidato democrático», o tal capaz de derrotar a direita, como sempre perturbada e dividida. Só que ninguém suspeitava que fosse Salgado Zenha, o político socialista que conduziu com lucidez e pertinácia a luta contra a unicidade sindical, o homem que um dia se afastou do seu irmão ideológico Mário Soares... Via-se desde logo que não cabiam dois galos daquele tamanho em tão reduzido poleiro. Ainda houve uns ameaços de fragmentação do partido, mas Soares, mais simpático e abrangente, levou a melhor. Apenas um ou dois socialistas seguiram as pisadas de Salgado Zenha, entre os quais o famigerado Arnaut, que um dia nos quis impor os médicos dele e mandar às malvas os nossos. Ainda ontem, este político que cortou relações com Soares porque este não esteve mais disposto a cobrir as saloices do antigo ministro, dizia,

categórico, ao «Diário de Lisboa»: — «Reformar o ensino, criar escolas, moralizar a vida pública, fazer o serviço nacional de saúde, construir caminhos, é fazer política da esquerda»... Só o inefável advogado coimbrão nos podia convencer de que, afinal, passámos quase meio século sob um regime de esquerda. O Povo tem sempre razão: — «Atrás de nós virá quem bem nos fará!...»

E pronto. Com a candidatura de Zenha, parecem serenados os ânimos em Belém e no partido que ali nasceu, isto é, à luz do prestígio do actual Presidente. Só que as coisas não são meridianamente claras. O MFA apoia Pintasilgo, o MDP apoiará Salgado Zenha, o PRD deve estar à espera de receber a mensagem do alto, que não deve vir de quem foi discutido e desfeiteado, e o PC, feliz e calmo, já fez o caixão para o seu candidato provisório e vai engolir alegremente o inimigo da unicidade sindical, só, somente, para fazer sofrer, o mais profundamente possível, o político que mais conhece e melhor contrariou os seus designios reais: — Mário Soares, que vê chegada a hora do calvário, inesperado mas dramático...

Diante de todas estas manobras, o Povo (comigo também) pergunta-se sobre o que se esconde sob estes designios e qual será a mão canhota que move todos estes cordelinhos, numa situação desgraçada e original... Quem vai decifrar, e quando, esta charada monumental?... Quem anda a tentar enfiar-nos novo barrete em hora crucial?... Estejamos atentos. Os próximos dias vão deslindar o enigma. Ou nos enganamos muito ou muita imundície vai surgir à tona das águas inquinadas e revoltas onde temos, dificilmente, tentado sobreviver...

João Coito